

SENTIDOS DE TEATRO NO ESTUDO DA CRIANÇA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Silvana Lopes Sales

Resumo

Este artigo tem por finalidade mostrar a contribuição e a importância do Teatro na Educação Infantil, pois a linguagem desta arte permite às crianças desenvolver-se expressando suas habilidades (criatividade, espontaneidade, imaginação, observação e percepção) e seus pensamentos através da compreensão onde a linguagem se manifesta entre educador e educando. A fala tem diversas formas de comunicação, a linguagem dá origem ao enunciado, cada criança traz um contexto histórico e social e em contato com outras vozes a mesma expressa seus sentimentos possibilitando assim, a construção dos sentidos da criança de educação infantil. Na infância, o teatro exerce um poder muito especial, a criança realmente acredita que tudo ao seu redor tem vida. O fantoche, a música e os adereços utilizados nas aulas de teatro representam a transformação do conhecimento e com isso há uma ampliação do seu vocabulário e de suas emoções, a criança começa a entender, através da linguagem cênica, as questões afetivas da sociedade, do mundo e de si mesma. Seja na esfera pedagógica ou na esfera artística, a criança compreende a linguagem cênica de uma forma lúdica, levando-a a um crescimento não só pessoal como também, o crescimento cultural.

Palavras-chave: Teatro, Produção de Sentidos e Educação Infantil.

Onde não há palavra não há linguagem e não pode haver relações dialógicas. (BAKHTIN, 2000)

INTRODUÇÃO

A importância das artes cênicas no desenvolvimento da criança é fundamental, pois através do teatro a criança passa e exprimir seus próprios pensamentos e criar suas próprias histórias.

Segundo Piaget, a criança a partir de dois anos de idade ultrapassa a barreira da simples percepção, ou seja, a criança começa a usar sua criatividade para imaginar, usando o “faz de conta” para expressar seu pensamento e assim buscar o significado da vida e o que acontece ao seu redor.

O jogo teatral é essencial para favorecer o desenvolvimento global da criança, trabalhando a autoconfiança, autoestima e o pensamento crítico. Ao exprimir-se livremente, a

criança interage com os outros respeitando a expressão de cada um. Com isso estabelece interação com o grupo, proporcionando um desenvolvimento emocional saudável.

Para Japiassu (2001), a finalidade do jogo teatral na educação escolar é o crescimento pessoal e o desenvolvimento cultural dos jogadores por meio do domínio, da comunicação e do uso interativo da linguagem teatral, numa perspectiva improvisacional ou lúdica. O princípio do jogo teatral é o mesmo da improvisação teatral, ou seja, a comunicação que emerge da espontaneidade das interações entre sujeitos engajados na solução cênica de um problema de atuação. Ainda sobre o autor, Japiassu nos fala que a introdução do teatro e de outras formas de expressão artística na educação escolar contemporânea ocidental trouxe consigo a discursão do sentido do ensino das artes para a formação das novas gerações. O debate, longe de se exaurir, permanece aberto, alimentado por diferentes argumentos, que buscam justificar seu valor educativo e sua inclusão no ensino formal.

O teatro é um dos recursos artísticos educacionais que reúne em seu conteúdo a expressão corporal, expressão gestual e linguagem verbal. Através dos jogos dramáticos, a criança usa seu imaginário para desenvolver sua linguagem corporal e verbal, tornando-a assim, mais comunicativa. Olga Reverbel, em seu livro “Teatro na Sala de Aula ”(1979), resume a importância do teatro na educação:“ O verdadeiro papel do teatro na educação é contribuir para o desenvolvimento emocional, intelectual e moral da criança, correspondendo fielmente aos seus anseios e desejos, respeitando-lhe as etapas do pensamento que evolui do concreto ao formal, para dar-lhe uma visão do mundo a partir da marcha gradativa de suas próprias experiências e descobertas”.

A importância do teatro nas escolas está para além de um entretenimento lúdico no qual as crianças “aprendem” a representar. O valor artístico da linguagem teatral para crianças de educação infantil está no enunciado, em Bakhtin (2000), só o enunciado tem relação imediata com a realidade e com a pessoa viva falante (o sujeito). Ainda sobre o autor, Bakhtin nos fala que o enunciado é como um conjunto de sentidos, a relação com os enunciados dos outros não pode ser separada da relação com o objeto (porque sobre ele discutem, sobre ele concordam, nele as pessoas se tocam) nem da relação do próprio falante.

1 – O TEATRO E A ESCOLA

O jogo dramático é uma parte vital da vida jovem. Não é uma atividade de ócio, mas antes a maneira da criança pensar, comprovar, relaxar, trabalhar, lembrar, ousar,

experimentar, criar e absorver. O jogo é na verdade a vida.
(SLADE,1978)

Nas escolas, o teatro está ligado diretamente ao conteúdo pedagógico, ou seja, um recurso didático, ou um estímulo à ida ao teatro como uma forma de prática cultural que as famílias exercem rotineiramente, mas o teatro vai além desse recurso, a criança tendo um contato com a linguagem dramática vai desenvolver, além de outras habilidades, a sua oralidade, o contato com a literatura, estimulando a criatividade, a relação com o outro, organização do pensamento e até descobrindo outras habilidades que ainda não tinham sido desenvolvidas, o que torna o teatro uma arte completa.

A criança de educação infantil não se desenvolve sozinha, é na relação com seus pares que ela (criança) toma consciência do seu espaço e o espaço do outro, o teatro propicia tal relação, com atividades lúdicas as crianças se unem e entram no mundo do faz de conta, da imaginação, soltam a voz, o corpo e as emoções para que o personagem crie vida. As interpretações e improvisações dos mais diversos personagens tem um único objetivo para essas crianças: brincar, e é nessa “brincadeira” que a produção de sentidos vem espontaneamente, pois a linguagem se constitui com diálogos e são essas vozes que dão origem a língua. Para Bakhtin (2000), o enunciado em sua plenitude é enformado como tal pelos elementos extralinguísticos (diálogos), está ligado a outros enunciados. Esses elementos extralinguísticos (diálogos) penetram o enunciado também por dentro.

Pode-se dizer que o teatro na educação infantil está nas escolas como uma complementação das datas festivas escolares, ou seja, as apresentações dos alunos se limitavam a mostrar aos pais sua desenvoltura e capacidade de se apresentar em público.

Para Telles (2013), “é comum ouvir nas escolas quando há alguma atividade teatral:” “Foi bom o teatrinho?”,” gostou do palhacinho?”. O diminutivo representa que não devemos subestimar as crianças quanto à sua inteligência e nem diminuir o valor de uma atividade teatral nas escolas, o que Telles nos traz é um novo olhar para o fazer teatral nas escolas e a importância de traçarmos diálogos significativos sobre para que e porque o teatro está na escola, para assim podermos compreender o fazer didático-pedagógico das aulas de teatro. Telles ainda traz outro fato de extrema importância, é comum nas escolas a utilização das aulas de teatro como um recurso pedagógico em outras disciplinas, o que não teria problema, pois a formação do ser humano é uma das missões da escola, porém o teatro vai muito além disso, o que não acontece em muitas escolas.

A criança pequena começa espontaneamente a exteriorizar sua personalidade e suas experiências interindividuais graças aos diferentes meios de expressão que está a sua disposição: desenho, modelagem, o simbolismo do jogo a representação teatral, o canto etc., mas sem uma educação apropriada que consiga cultivar esses meios de expressão e encorajar as primeiras manifestações estéticas, as ações do adulto, do meio familiar ou escolar tendem em geral a frear ou contrapor-se às tendências artísticas ao invés de enriquecê-las (PIAGET, 1982).

O teatro na educação infantil como um recurso fundamental no desenvolvimento humano, vem reforçar a discursão sobre que o teatro transforma o pensamento humano, levando a questionamentos sobre seus problemas, internos e externos presentes em suas vidas, e o quanto mais cedo a criança tiver contato com o teatro, mais cedo ela estará desenvolvendo suas habilidades, tais como: criar, questionar e formar opinião. Assim, a educação estará contribuindo para que a criança cresça livre para pensar e decidir sobre suas escolhas para a vida.

A criança pode dar uma contribuição honesta e verdadeira ao teatro se lhe for permitida a liberdade pessoal para experienciar. Ela desenvolverá relacionamentos, criará a realidade e aprenderá a improvisar e desenvolver cenas válidas teatralmente, como fazem os adultos. A experiência teatral é uma experiência grupal que permite a alunos com capacidades diferentes expressarem-se simultaneamente enquanto desenvolvem habilidades e exercícios criativos individuais. O professor deve atentar para que cada indivíduo participe em alguma faceta de atividade, o tempo todo, mesmo que seja apenas para arrumar o cenário (SPOLIN, 2005).

O jogo teatral trabalha a interação do grupo estabelecendo relacionamento com o mundo exterior. Para SPOLIN (2005), a experiência teatral, como a brincadeira, é uma experiência grupal que permite a alunos com capacidades diferentes expressarem-se simultaneamente enquanto desenvolvem habilidades e criatividade individuais.

Segundo SLADE (1978), a criança que tiver as oportunidades certas experimentará, no jogo pessoal e projetado, muitos fragmentos de pensamento e experiência entre as idades de um a cinco anos e, embora a absorção esteja muito na frente da sinceridade, as duas qualidades combinadas serão bastante fortes para mesmo ou menos observadores perceberem momentos de inconfundível atuação (representação).

SLADE (1978) ainda diz que, o jogo dramático infantil é uma forma de arte por direito próprio: não é uma atividade inventada por alguém, mas sim um comportamento real dos seres humanos.

Para REVERBEL (1996) o processo de desenvolvimento das capacidades de expressão é mais importante do que o produto final, motivo pelo qual não se deve enfatizar a avaliação de uma pintura, de uma dança ou de uma peça criada pelo aluno, mas avaliar seu modo de atuar, o que nos revela o crescimento gradual de suas possibilidades expressivas.

Ainda para REVERBEL (1996), as capacidades de expressão – relacionamento, espontaneidade, imaginação, observação e percepção – são inatas no ser humano, mas necessitam ser estimuladas e desenvolvidas, através de atividades dramáticas, musicais e plásticas, além, naturalmente, de outras atividades do currículo escolar.

Para Japiassu (2001), o teatro é um importante meio de comunicação e expressão que articula aspectos plásticos, audiovisuais, musicais e linguísticos em sua especificidade estética, o teatro passou a ser reconhecido como forma de conhecimento capaz de mobilizar, coordenando-as, as dimensões sensório-motora, simbólica, afetiva e cognitiva do educando, tornando-se útil na compreensão crítica da realidade humana culturalmente determinada.

O objetivo do ensino das artes, para a concepção pedagógica essencialista, não é a formação de artistas, mas o domínio, a fluência e a compreensão estética dessas complexas formas humanas de expressão que movimentam processos afetivos, cognitivos e psicomotores (JAPIASSU, 2001).

Para SILVA (1997), quando as crianças compreendem que em nenhum caso serão interrompidas em seus jogos, tornam-se mais criativas, e, então, mas preocupadas em ajudar aos outros e a relacionar-se com eles. Quando se tem o mesmo brinquedo, quando se joga com o outro o mesmo jogo, as experiências, que elas podem extrair, são muito mais numerosas, surgindo, então, o diálogo com facilidade.

Ainda segundo a autora, Silva nos diz que ao longo da atividade lúdica, a criança vive uma motricidade total, ao por em jogo todos os seus componentes: motores, afetivos e cognitivos.

Segundo BONTEMPI (2013) o grupo de dramatização constitui um momento em que é possível experimentar o jogo dos papéis, através do qual a criança pode explicitar aquelas variáveis emotivas e aquelas experiências afetiva que vive na relação com os adultos e com os colegas.

Na literatura brasileira, escritores falam sobre sua infância e como a brincadeira era importante para o seu desenvolvimento pessoal. Segundo KISHIMOTO (1996), assim como a poesia, os jogos infantis despertam em nós o imaginário, a memória dos tempos passados. Em *Infância* (1984), Graciliano Ramos recorda seu cotidiano de criança pobre, que construía brinquedos de barro e invejava os meninos que possuíam brinquedos mecânicos. José Lins do

Rego, em *Menino de Engenho* (1969), lembrando seus tempos de infância em que nadava nos rios, subia nas árvores, trocava frutas roubadas na despensa com peões que dormiam nas mãos dos espertos moleques da senzala.

Ainda segundo KISHIMOTO (1996), hoje, a imagem da infância é enriquecida, também, com o auxílio de concepções psicológicas e pedagógicas, que reconhecem o papel de brinquedos e brincadeiras no desenvolvimento e na construção do conhecimento infantil.

Para REVERVEL (1979), observando a maneira pela qual a criança resolve e supera seus conflitos, o professor de atividades dramáticas poderá auxiliar e orientar as aquisições dela e acompanhar a maturação do aluno, sem nada lhe impor de exterior ao seu mundo. O papel do professor, nesta fase não é o de ensinar, mas, o de observar o desenvolvimento da criança, para depois sugerir qual tipo de atividade de expressão que considerar próprio e fornecer-lhe o crescimento.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (PCN, 1997).

Segundo RABELO (2001) o ensino de artes permite ao aluno compreender a partir dos processos de criação, ser capaz de transformar o seu cotidiano aguçando, assim, as atitudes críticas estão presentes no pensamento humano, que muitas vezes se encontram adormecidas sem negar-lhe a dimensão lúdica e prazerosa de uma produção artística.

Para BRÍGIDO (2008) o desenvolvimento infantil sempre foi alvo de muitos estudos e pesquisas, que resultaram em inúmeras teorias e técnicas, de modo que, cada uma com o seu foco e direção, contribuem significativamente o que se pretende realizar na área da aprendizagem humana, seja através do contato e exploração do meio ou na percepção e estimulação do próprio ser.

O teatro na escola não está para formar profissionais, para Reverbel (1989), o objetivo não é formar um aluno-autor, um aluno-pintor ou um aluno-compositor, mas sim dar oportunidades a cada um de descobrir o mundo, a si próprio e a importância da arte na vida humana.

A utilização dos fantoches na linguagem dramática vem reforçar o jogo dramático na educação infantil, com eles as crianças estimulam, além da percepção oral e visual, a memória, utilizando a improvisação para elaborar histórias curtas. A música também presente no teatro vem estimular a expressão corporal da criança, pois é nessa faixa etária que a

descoberta do corpo se faz presente. As expressões que a linguagem cênica propõe, traz a socialização da criança o que permite diálogos e a conscientização de esperar o outro falar.

O que as crianças querem, portanto, na sua quase totalidade, é satisfazer um dos seus instintos fundamentais. No fundo não lhes interessa tanto quanto parece ao adulto, perder ou ganhar, o que elas querem, acima de tudo, é jogar! (MIRANDA, 1993).

2 - PRODUÇÃO DOS SENTIDOS: ORALIDADES E GESTOS

Definição de sentido em toda a profundidade e complexidade de sua essência. A interpretação como descoberta da presença por meio da percepção visual (contemplação) e da adjunção por elaboração criadora. Antecipação do contexto em expansão subsequente, sua relação com o todo acabado e com acabado. Tal sentido (no contexto inacabado) não é tranquilo nem cômodo (nele não se pode ficar tranquilo nem morrer).

(Bakhtin, 2000)

Nos estudos bakhtinianos vemos que aprender a falar é aprender a estruturar enunciados. Colocando o enunciado como a unidade de comunicação, Bakhtin (2000, p. 297) indica o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal, pois representa a instancia ativa do locutor numa ou noutra esfera do objeto do sentido. O mesmo nos fala que aprendemos naturalmente a nos comunicar através dos enunciados, o processo da fala fica claro que nos aprendemos a organizar a maneira de falar, bem como aprendemos também na fala do outro, isso é gênero do discurso, pois sem uma construção de cada enunciado que fazemos em se comunicar, a comunicação verbal não existiria de fato.

Para Bakhtin (2000), a característica principal dos gêneros do discurso tem a ver com o enunciado estável do comportamento sócio histórico do indivíduo, ou seja, quando de alguma forma nos comunicamos, ou por palavras ou quando escrevemos, estamos praticando o gênero do discurso. Também é importante falarmos dos conceitos de palavra e oração, ambas as unidades da língua. Palavra, não quer dizer um ato comunicativo, ou seja, a palavra solta é retirada do contexto e não tem uma atitude de resposta. Oração, assim como a palavra, não é um ato comunicativo, porém se estiver em um enunciado (situação discursiva) passa a ser autoria do falante. Dentro deste contexto, o falante inconscientemente busca o

enunciado proferido em outras ocasiões para realizar o enunciado do momento e assim reformular seu discurso, ou seja, segundo Bakhtin o enunciado é o resultado de uma busca da memória usado em outros discursos e enunciados. Em suma, baseado nos estudos, vemos que a experiência é fundamental para o aprendizado do gênero e a repetição é essencial para a aprendizagem. Involuntariamente (ou não), buscamos enunciados do passado e repetimos no presente, por isso os tipos de enunciados: normas sócias verbais e atitudes humanas (perspectiva histórica, aberta, inclusiva).

A linguagem tem a ver com a nossa capacidade de saber a hora de falar, pois percebemos que o outro finalizou seu enunciado e aí poderemos iniciar o nosso. E as formas de gênero que para Bakhtin é o mais importante, é a escolha do discurso a partir do tema, dado essa escolha, o seu conteúdo vai estar dentro da esfera determinada pelos falantes.

Ainda para Bakhtin, polifonia caracteriza-se por muitas vozes dentro de um enunciado, quer dizer, vários discursos produzindo outros discursos. As vozes não dialogam de uma maneira apenas casual. Dentro de cada discurso tem fatores sócios históricos de cada falante. E ainda sobre o autor, é a partir dessas vozes que expressamos nossos pensamentos e só fazemos isso porque estamos em contato com outros pensamentos. Pensamento esse, exteriorizado que formam enunciados dialogados.

Em Bakhtin (1990) em cada dado momento histórico da vida verbo ideológica, cada geração tem sua própria linguagem em cada camada social: ademais, toda idade tem, em essência, a sua linguagem, o seu vocabulário, o seu sistema de acento específico que, por sua vez, variam dependendo da camada social da instituição de ensino, e de outros fatores estratificantes. Tudo isso são linguagens sociotípicas, por mais estreito que seja seu círculo social.

Em nossa vida diária temos momentos de atuação, na vida profissional e na vida pessoal muitas vezes nos vemos em situações de profunda dramaticidade, o diálogo com o outro está presente em nossas atuações, são esses enunciados que constituem as relações, para Bakhtin (2000), as ciências humanas são as ciências do homem em sua especificidade, e não de uma coisa muda ou um fenômeno natural. O homem em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo (fala), cria texto (ainda que potencial).

O enunciado está ligado ao dialogismo, expressar suas ideias, suas opiniões de maneira livre é exercitar a enunciação em sua totalidade, a língua não pode ser estática, imexível, pois suas ideias estão vivas e pode mudar a qualquer momento.

A criança não se expressa só através de sua oralidade (fala), o corpo, as expressões faciais são partes materiais do enunciado e Bakhtin (2000), nos fala que o indivíduo não tem

apenas meio e ambiente, tem também horizonte próprio. A interação do horizonte do cognoscente com o horizonte do cognoscível. Os elementos de expressão (o corpo não como materialidade morta, o rosto, os olhos, etc.); neles se cruzam e se combinam duas consciências (a do eu e a do outro); aqui eu existo para o outro e com o auxílio do outro.

As muitas vozes que vem do enunciado infantil está presente na linguagem, que estabelece a produção de sentidos, ela vem da vida social do falante e é através do diálogo que a enunciação vai sendo construída e o teatro vem para a escola com sua linguagem representativa para reproduzir esse dialogismo, o pensamento bakhtiniano nos fala que viver é dialogar e sobre o processo de personalização, Bakhtin nos fala que “o limite aqui não é o eu, porém o eu em relação de reciprocidade com outros indivíduos, isto é, eu e o outro, eu e tu.”

Para Bakhtin (2000), não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir sobre o teatro na escola é ter uma nova visão sobre a linguagem cênica dentro do ambiente escolar, a real função dessa arte para a criança de educação infantil tem um significado diferente para elas. Compartilhar amizades, vivenciar experiências nas atividades lúdicas e entrar no mundo do faz de conta, faz com que a criança esteja livre para criar e fazer novas descobertas.

Estudos mostram que o teatro na escola acompanhado de sua linguagem, como meio de ensino, revela a arte que desenvolve o processo de aprendizagem da criança, na qual ativa e estimula a criatividade, a observação e o senso crítico para um olhar amplo e uma visão inteira do mundo que as envolvem.

A escola, responsável pela construção e reconstrução dos conhecimentos, deve dar a oportunidade às crianças da educação infantil de expressar através do teatro as suas emoções, dúvidas e questionamentos acerca do que acontece ao seu redor.

A utilização do teatro na escola, a prática dessa arte e a observância dessa linguagem podem trazer significativos progressos no desenvolvimento das crianças e seus papéis sociais (senso crítico e pensamento organizado para refletir sobre suas atitudes e comportamentos), e

ainda pode contribuir para a criança compreender a importância da atividade teatral e ampliar sua capacidade de estudo e reflexão sobre a produção de sentido no teatro. O teatro no ambiente escolar é uma linguagem rica e tem em sua essência as diversas formas de atuação, quando é oferecida para a criança de educação infantil essa linguagem, as possibilidades do desenvolvimento infantil são consideradas muito positivas, pois tal atividade artística traz desafios que encantam as crianças, isto é, o teatro propõe prazer e alegria a elas.

Em resumo, o teatro com sua linguagem colaboram para o desenvolvimento da expressão, comunicação e favorece a produção coletiva do conhecimento cultural, da comunicação e da produção de sentidos, sejam eles, nas esferas social e educacional.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina G. G. Pereira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 2.ed. São Paulo: Hucitec; UNESP, 1990.

BONTEMPI, A. **A Educação Emotivo-afetiva na Escola de Educação infantil**. São Paulo: Paulinas, 2013.

DBRÍGIO, S. **Pedagogia do Encanto**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2008.

JAPIASSU, R. **Metodologia do Ensino de Teatro**. Campinas: Papirus, 2001.

KISHIMOTO, T.M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

MIRANDA, N. **200 Jogos infantis**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN) - Arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. Tradução: Álvaro Cabral. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

RABELO, J. **Ensino de Arte e Educação**. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

REVERBEL, O. **O Teatro na Sala de Aula**. 2ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

REVERBEL, O. **Jogos teatrais na escola**. São Paulo: Scipione, 1996.

SPOLIN, V. **Improvisação para o Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SLADE, P. **O Jogo Dramático Infantil**. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

SILVA, E.N. **Atividades Recreativas na 1ª Infância**. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.

TELLES, N. **Pedagogia do teatro**. Campinas, SP: Papirus, 2013.